



**SE VOCÊ AINDA NÃO TINHA PERCEBIDO, AGORA VAI SER
IMPOSSÍVEL ESQUECER**

uma psicopatia de
ROBERTO MAXWELL

AÇÃO AFIRMATIVA

H I S T Ó R I A A S E R C O N T A D A

X. é o único branco de uma família de negros. Quer dizer, sua mãe e seus irmãos são fenotipicamente negros. Ele tem a pele branca, embora conserve traços mestiços.

Seus dois irmãos, **A** e **B**, valendo-se dos direitos concedidos pelas ações afirmativas, conseguem vencer na vida. Ao passo que **X.** é apenas um semi-marginal.

A. começou sua carreira a partir de uma seleção onde ele é aprovado nas cotas para negros, mesmo enfrentando todas as resistências sociais a este tipo de ação. Mais tarde, ele é aprovado na universidade, também como cotista, e finaliza o curso. É mais um graduado.

B. foi escolhido numa seleção para um famoso filme sobre a pobreza e a favela no Brasil. Torna-se um mito depois de sua atuação nesse famoso filme. Consegue um contrato televisivo para viver personagens secundários nas novelas.

X. conta as histórias de seus irmãos num cubículo sem móveis, com pouca iluminação e para um câmera por ele contratado. Ele decide fazer para si mesmo uma ação afirmativa, ou seja, assaltar um banco com seus comparsas **1**, **2** e **3**, todos eles negros.

X., **1**, **2**, **3** e o câmera entram num carro, saindo de uma favela e circulando pela Zona Sul do Rio. Numa rua são surpreendidos por **quatro policiais**. A ação é rápida. Eles são detidos. Imediatamente, a mídia - um **repórter** e um **câmera** - chega e passa a veicular ao vivo aquilo que consideram ser um seqüestro: o seqüestro de **X.** por três homens fortemente armados. Os homens - **1**, **2** e **3** - são presos, enquanto **X.** é 'salvo' pela polícia.

No estúdio, a **apresentadora** do jornal sensacionalista comenta a notícia, enfatizando a violência da cidade. Um **comentarista** fala sobre o assunto.

Após os créditos, a apresentadora retorna para uma notícia surpreendente.

P O R Q U E C O N T A R E S T A H I S T Ó R I A ?

A miscigenação racial brasileira é um fato incontestável. Gilberto Freyre, sociólogo, ofereceu uma das mais significativas contribuições sobre o tema em sua obra 'Casa Grande & Senzala'. No entanto, a discussão de Freyre foi utilizada historicamente, inclusive por ele próprio, para minorar a interpretação de um dos mais fortes estigmas da sociedade brasileira: a luta racial. Se o fenômeno era claro na época da escravidão - os registros cartoriais e as imagens de Debret são bastante significativos neste sentido - hoje, o manto da 'cordialidade do brasileiro' encobre a discriminação contra o negro brasileiro.

Contribuindo para essa névoa estão as discussões acerca dos projetos de ação afirmativa. Os indivíduos contrários a estas políticas usam como mais forte argumento o fato de que é impossível determinar quem é o negro brasileiro. Uma das vitórias deste ideário é o sistema de auto-declaração, onde cada indivíduo é responsável por se identificar racialmente. De fato, a miscigenação fez com que a população brasileira fosse bastante diversa em termos fenotípicos e raciais. Fato este que gerou o indefectível bordão 'todo o brasileiro tem o pé na cozinha', que denuncia o verdadeiro lugar do negro no imaginário popular nacional.

A verdade é que negros - aqueles que têm a pele escura, caso haja alguma dúvida para o leitor - são facilmente identificados nos grandes shoppings centers, nas áreas turísticas, nas seleções para funções subalternas, nos coletivos. Mas, ao que parece, é a polícia o órgão que possui maior capacidade de discernimento entre negros e brancos, vide o número de 'pessoas de cor' abordadas nas batidas policiais e 'vítimas do fogo cruzado entre bandidos e tiras'.

AÇÃO AFIRMATIVA - a obra - tem como objetivo promover essa discussão. Quem, afinal, não identifica o negro no Brasil? Por que os discursos da fenotipia e da auto-declaração têm tanto espaço na mídia e nos debates sobre a situação do negro brasileiro? A quem interessa a auto-declaração? Além de falar da questão do negro brasileiro, AÇÃO... envereda por outros caminhos criticando a mídia televisiva e o cinema comercial brasileiro, cujo projeto de atração popular vem demonstrando sinais de cansaço.

Com aproximadamente cinco minutos de duração, a obra terá forte influência do cinema direto e deverá ter suas imagens captadas em mini-DV. O câmara é sujeito da ação sendo, inclusive, responsável por uma das mais contundentes críticas do filme: no momento em que está sendo capturado, o câmara é abordado por um policial que é identificado pelo conhecido nome de um grande diretor brasileiro, recentemente envolvido em questões polêmicas acerca do cinema independente. Às técnicas de captação do cinema direto, somar-se-ão um trabalho específico com o som que nem sempre será um complemento natural da imagem e uma opção pela imagem estática, sobretudo fotográfica, quando convier para a melhor abordagem da história.

H I S T Ó R I A C O M O D E V E S E R C O N T A D A

SEQUÊNCIA	AMBIENTE	IMAGEM / PLANOS	SOM
-----------	----------	-----------------	-----

I - Preparando a ação	INT - CÔMODO ABANDONADO - DIA	1. Preto. Câmera na mão buscando um foco. X. aparece ao fundo falando e se despindo e vestindo uma calça social.	Voz de X..
		2. Detalhe do zíper.	Voz de X..
		3. Detalhe de botões de blusa social sendo fechados.	Voz de X..
		4. Detalhe de botões de punho sendo fechados.	Voz de X..
		5. Detalhe do cinto sendo afivelado.	Voz de X..
		6. Detalhe da ação de amarrar o sapato.	Voz de X..
		7. Detalhe de gravata sendo colocada no pescoço. A câmera é colocada no chão. Vê-se apenas os pés do câmera, um rapaz negro, com um tênis bem surrado, indo até X.. O câmera retorna e enquadra o detalhe do nó da gravata sendo apertado.	Voz de X..
		8. PM com câmera na mão. X. coloca o paletó. A câmera se aproxima até PP. X. saca uma arma.	Voz de X..
		INT - ESCRITÓRIO I - DIA	9. Tripé. PV dos personagens em cena. Quatro mãos mexem em curriculuns e fotos em cima de uma mesa de um escritório bem simples. Seleciona um grupo com fotos

II - Ação abortada	EXT - CARRO - DIA	14. Câmera na mão, no banco do carona. 1 está no volante. X. está no banco de trás entre 2 e 3. O carro dá um arranque e a câmera 'cai'. Nas tentativas de continuar filmando, o câmera vai captando o volante agitado, mudança de marcha rápida, balanço do carro até uma freada forte. O carro pára e a câmera pega três policiais negros apontando para o carro e com um carro atravessado na pista. Os policiais avançam. O câmera é retirado do carro. Ele ainda focaliza o nome do policial que o retira: BARRETO. O tira enquadra o câmera. A câmera 'cai' e a imagem desta fonte 'sai do ar'.	Música funk. Sons de programas policiais de rádio e da frequência do rádio da polícia e de outras mensagens pessoais de rádio. Sons de perseguição policial extraídos de filmes anos 70. Sons dos atores na perseguição. CÂMERA Peraí, cara, eu sou diretor de cinema! POLICIAL BARRETO Diretor de cinema é o caralho! No Brasil tem muito diretor de cinema! Metade podia estar dirigindo um táxi!
III - Ação na TV	INT - ESTÚDIO	15. Num estúdio cheio de telas, no estilo programa sensacionalista, o APRESENTADOR narra o episódio ocorrido anteriormente. 16. Coberturas em PP da narrativa, como se fosse para outra câmera. 17. CONVIDADO ESPECIAL dá sua visão especial sobre o tema.	APRESENTADOR falas criadas pelo ator CONVIDADO ESPECIAL falas criadas pelo ator

IV - Extra	INT - CASA DE CLASSE MÉDIA - DIA	18. Numa casa de classe média, uma TV mostra a programação e, no fim, é desligada.	Som ambiente Som de entrevistas onde pessoas da rua falam da importância educativa da TV.
------------	---	--	--

CRÉDITOS FINAIS

Imagens de quadros de Debret estáticas e reinterpretadas por um artista gráfico da atualidade. Música 'Nossa Cor Marrom', tocada em ritmo de bossa nova no violão e com acompanhamento em xilofone. Todos os técnicos do filme deverão assinar seus nomes com expressões como 'black', 'white', 'brown' ou quaisquer outras que sua criatividade permitir.